

ARMAZÉM DE LEMBRANÇAS: BAÚ DE OSSOS, DE PEDRO NAVA¹

Andréa Ferreira Carvalho Falconi²
Moema Rodrigues Brandão Mendes³

RESUMO

Esta reflexão considerou como eixo teórico as concepções defendidas por Henri Bergson a partir das elucubrações registradas na obra, **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito** (1999), e no romance memorialista, **Baú de ossos**, do escritor mineiro, Pedro Nava (1973). Ressalta-se, porém, que foram utilizados outros conceitos que se fizeram necessários para a sustentação argumentativa da proposta que foi identificar, nos ossos do baú, em que medida pôde-se constatar a distinção ou aproximação relacional entre memória, corpo e espírito. A memória lírica de Pedro Nava registrou a matéria que construiu a lembrança. Esta construção gerou uma singular impressão, haja vista que a matéria produz a lembrança que é armazenada pelo cérebro que por sua vez, incita a produzir uma sensação ao espírito, advinda destas ações sequenciais. Nesta correspondência, observou-se o diálogo entre o que foi vivido, e a elaboração da lembrança na construção da memória, pressupondo-se que o narrador tenha se constituído por experiências conscientes e relebráveis do passado. A memória, portanto, parece ser um fenômeno individual que, todavia, nesta ponderação, deve ser compreendida como um fenômeno coletivo e social, submetido a mudanças constantes.

Palavras-chave: Matéria e Memória. Henri Bergson. Pedro Nava. Baú de ossos.

1 REVIRANDO O BAÚ DE NAVA: INTRODUÇÃO

Não é possível reter uma massa de lembranças em todas as suas sutilezas e nos mais precisos detalhes, a não ser com a condição de colocar em ação todos os recursos da memória coletiva. Maurice Halbwachs.

Resgatar e revelar o quão dinâmico é o entrelaçar mnemônico de episódios que se tornaram inapagáveis para indivíduos ou para uma coletividade, é um fascínio que abarca inúmeros pesquisadores e estudiosos deste assunto. Dialogando com esta reflexão inicial, Marcel Proust afirma que,

¹ Este artigo foi produzido a partir da apresentação de uma Comunicação no III Seminário de Extensão e Pesquisa do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

² Mestranda em Letras, área de concentração Literatura Brasileira (CES/JF). E-mail: andrea@falconi.com.br

³ Doutora em Letras (UFF/RJ), Professora titular do Mestrado em Letras (CES/JF), Pós-doutoranda na Linha de pesquisa Resgate na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB/RJ). E-mail: moemamendes@yahoo.com.br

A memória, introduzindo o passado no presente sem modificá-lo, tal qual fora quando presente, suprime exatamente essa enorme dimensão do tempo conforme a vida se realiza e dela sorvo com toda a sofreguidão meus pensamentos de felicidade (PROUST, 1995, p.335).

A partir desta premissa, esta pesquisa propõe pensar sobre a interação de pensamento entre alguns escritores contemporâneos, vários teóricos e um literato, cujo objeto de reflexão se assenta na construção da memória em suas variadas perspectivas, percorrendo o caminho do resgate e da preservação de lembranças.

Ressalta-se que cada escritor estudado, seja ele teórico ou romancista, viveu em lugares diferentes, determinando, portanto que o processo de assimilação memorial age conforme a percepção de cada um embora seja as mesmas bastantes similares.

O romance-memorialístico eleito para esta consideração é **Baú de ossos**, para o qual o escritor, Pedro Nava, dispôs de arquivos mnemônicos próprios e utilizou-se da memória coletiva pessoal, e de outrem como de seus parentes e terceiros.

A finalidade de tais ações parece ter sido a de construir a árvore genealógica de sua família, salvaguardando a importância e influência social de seus descendentes na sociedade vigente, passada e futura.

Este recurso é teorizado por Maurice Halbwachs (2003), ao pensar a memória individual e coletiva em um dos parágrafos de sua obra, **A memória coletiva**:

No primeiro momento plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais frequentes em contato com ele (HALBWACHS, 2003, p.51).

É possível atrelar a esta reflexão, o pensamento de Ecléa Bosi quando afirma sobre a construção da memória.

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos do convívio e os grupos de referências peculiares a esse indivíduo. [...]. A menor alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da memória (BOSI, 1994, p.87).

Na obra, **Baú de ossos**, o escritor juizforano percorre, por meio da prosa poética, o tempo, a começar da infância diligenciando temas universais, a formação e identidade mineiras, situando Juiz de Fora e Minas Gerais no cenário nacional.

São 392 páginas da edição eleita para a pesquisa (NAVA, Pedro **Baú dos Ossos**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1973), em que o narrador conta a história de sua vida e, recorrendo a ela, (re) visita a história social e cultural do Brasil no século XX: há uma galeria de atores, famílias, instituições, paisagens, ruas, criando um singular armazém de (re) aquisições de reminiscências. Estas reminiscências funcionam como elementos da memória (individual e/ou coletiva), que podem ser constituídos por acontecimentos vividos pessoalmente, por acontecimentos vivenciados pelo grupo ao qual a pessoa se julga pertencer, e por acontecimentos, que marcaram tão fortemente um grupo, ou uma região, que sua memória passa a ser transmitida ao longo do tempo e com alto grau de identificação, o que Pollak (1992) denominou como memória quase que herdada. Por meio desta memória quase herdada, Nava registra:

Da casa de meu Pai, na rua do Comércio e do seu sobrado, à Rua do Imperador, não tenho senão a impressão renovada e sempre atual de duas fotografias amareladas. Na da primeira, estou no meio da molecada da rua, junto com a negra sem nome que devia ser a minha ama. Na segunda, meu Pai, minha Mãe e outros figurantes que surgem na janela de cima numa composição de pessoas e gradis (NAVA, 1973, p. 234).

Carlos Drummond de Andrade registra saudosamente esta concepção de herança em **Baú de ossos** no artigo intitulado **Nava, saudade**, publicado no Jornal do Brasil em 15 de setembro de 1984:

Esta obra foi a maior surpresa literária de 1972, data da publicação de *Baú de ossos*, até 1983, ano de *O círio perfeito*. Não há notícia de outro escritor que haja esperado 50 anos de vida consciente para se lançar, nem tampouco de alguém que conquistasse logo a unanimidade das admirações [...] A grande descoberta, a revelação deu-se com o aparecimento de um volume de 400 páginas cerradas aos 70 anos, em que ele começou a contar, com a história de sua vida, a história social e cultural do Brasil no século 20, com as implicações de todo gênero proporcionadas por um vasto painel de indivíduos, famílias, cidades, instituições (ANDRADE apud VASCONCELLOS, SANTOS, 2017, p.223-234).

Esta reflexão permite inferir que a memória é como diamante bruto que necessita ser lapidado pelo espírito para que logre um valor ainda mais imensurável, perpetuando, assim, pela memória cultural de uma sociedade. Pedro Nava surpreende ao escrever de fato aos 50 anos o que concede o entendimento de que a memória corresponde a algo seletivo. Nesta seleção importa conhecer sob outras lentes quem é este escritor tardio, mas permanente.

2 ESSE PEDRO QUE É DOIS, QUE É TRÊS, QUE É CINCO

Nava é desses homens que formam em torno de si a unanimidade de afeto, e a quem é fácil admirar, basta conhecê-lo.

Uns poucos sabíamos que Nava escrevia prosa de altíssimo teor, em que a linguagem se enriquecia de matizes estéticos oferecidos pela convivência com as artes plásticas, a música e a ciência.

Carlos Drummond de Andrade.

237

Segundo registros da Enciclopédia Itaú Cultural⁴, Pedro da Silva Nava (Juiz de Fora, MG, 1903 - Rio de Janeiro, RJ, 1984) era memorialista, ilustrador, poeta, e médico. Filho do também, médico José Pedro da Silva Nava e Diva Mariana Jaguaribe Nava, do lar.

Em 1921 iniciou curso na Faculdade de Medicina de Minas Gerais e formou-se em 1927. Fez parte do grupo responsável pela edição de **A Revista**, primeira publicação do movimento modernista mineiro, ao lado, entre outros, como do poeta Carlos Drummond de Andrade (1902 - 1987). Este periódico foi idealizado por Francisco Martins de Almeida e Drummond, tendo em seu primeiro número o registro da publicação de três poemas de Pedro Nava intitulados: **Tejuco**, **Música** e **Diamantina**.

O escritor mineiro encontrou-se, em 1924, com a caravana formada por D. Olívia Guedes Penteado, modernista que apresentou o Brasil ao poeta suíço Blaise Cendrars (1887 - 1961), da qual participam Mário de Andrade (1893 - 1945), Oswald de Andrade (1890 - 1954) e Tarsila do Amaral (1886 - 1973).

Além da literatura, dedicou-se ao desenho, ilustrando, entre outros, a obra, **Macunaíma**, de Mário de Andrade. Sobre esta outra feição de Nava, comenta Drummond: “E o diabo do homem também teria sido, e não quis, artista plástico. Uma porção de talentos brinca de mostrar e esconder em Pedro Nava” (ANDRADE apud VASCONCELLOS, SANTOS, 2017, p.76).

Nava exerceu a Medicina com muito afinco, e fez diversas viagens profissionais à Europa, principalmente à França. Sobre as publicações na área da saúde, Carlos

⁴ Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa4595/pedro-nava>> Acesso em 22 abr. 2018.

Drummond comentou em artigo intitulado **O homem cordial**, publicado no Jornal **Correio da Manhã**, Imagens de Louvor, datado de 24 de março de 1956 as seguintes palavras: “Seus dois livros de história da Medicina são modelares: pesquisa, senso crítico, limpidez de estilo” (ANDRADE apud VASCONCELLOS, SANTOS, 2017, p.76). É preciso também sublinhar que a partir do fim do século XIX, houve uma valorização dos escritos pessoais pela Medicina. Os médicos se puseram a colecionar os escritos de seus doentes e publicaram certos manuscritos (fragmento de cartas, poemas).

Em 1933, Pedro Nava mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou em diversos hospitais até tornar-se chefe da Policlínica Geral do Estado. Publicou dezenas de artigos em revistas científicas e em livros sobre Medicina. Seu poema **Defunto** foi escrito em 1938 e foi incluído na **Antologia dos poetas bissextos contemporâneos**, organizada pelo poeta Manuel Bandeira (1886 - 1968), em 1946.

Em 1968, este poema foi publicado, na Bahia, em uma edição especial organizada por Fernando da Rocha Peres (VASCONCELLOS, SANTOS, 2017). A título de conhecer Pedro Nava poeta, segue a transcrição dos referidos versos:

O defunto
A Afonso Arinos de Melo Franco

Quando morto estiver meu corpo
evitem inúteis disfarces
os disfarces com que os vivos,
só por piedade consigo
procuram apagar no Morto
o grande castigo da morte.

Não quero caixão de verniz
nem os ramalhetes distintos
os superfinos candelabros
e as discretas decorações.

Eu quero a Morte com mau gosto.

Deem-me coroas de pano.
Deem-me as flores do roxo pano,
enormes coroas maciças,
como enormes salva-vidas,
com fitas negras pendentes.

E descubram bem a minha cara:
que a vejam bem os amigos
e ela lance nos seus espíritos
a incerteza, o pavor, o pasmo...
E a cada um leve bem nítida
a ideia da própria morte.

Descubram bem esta cara!

Descubram bem estas mãos:
Não se esqueçam destas mãos!
- Meus amigos! olhem as mãos!
Onde andaram, que fizeram,
Em que sexos se demoraram
Seus sabidos quirodáctilos?
Foram nelas esboçados
Todos os gestos malditos
Até furtos fracassados
E interrompidos assassinatos.

- Meus amigos! olhem as mãos
Que mentiram as vossas mãos...
Não se esqueçam!
Elas fugiram
Da suprema purificação
Dos possíveis suicídios...

- Meus amigos! olhem as mãos!

Descubram todo o meu corpo.
Exibam todo o meu corpo
e até mesmo do meu corpo
as partes excomungadas,
as sujas partes sem perdão.

- Meus amigos! olhem as partes...
fujam das partes.
Das punitivas, malditas partes...

Eu quero a morte nua e crua
terrífica e habitual,
com seu velório habitual.

- Ah! O seu velório habitual.

Não me envolvam num lençol:
a franciscana humildade,
bem sabeis que não se casa
com meu amor pela Carne,
com meu apego ao Mundo.

E quero ir de casimira:
De jaquetão com debrum,
Calça listrada plastron
E os mais altos colarinhos.
Deem-me um terno de ministro
Ou roupa nova de noivo...
E assim solene e sinistro,
Quero ser um tal defunto,
Um morto tão acabado,
tão aflitivo e pungente,
que sua lembrança envenene
o que restar aos meus amigos
de vida sem minha vida.

Meus amigos lembrem de mim.
Se não de mim, deste morto,
Deste pobre terrível morto

Que vai se deitar para sempre,
Calçando sapatos novos!
Que se vai como se vão
Os penetras escorraçados,
As prostitutas recusadas,
Os amantes despedidos,
Como os que saem enxotados
E tornariam sem brio
A qualquer gesto de chamada.

- Meus amigos! tenham pena,
Se não do morto, ao menos
Dos dois sapatos do morto!
Dos seus incríveis, patéticos
Sapatos pretos de verniz.
Olhem bem estes sapatos
E olhai os vossos também.
(NAVA apud VASCONCELLOS, SANTOS, 2017, p.87).

Importa, neste momento da reflexão, evidenciar o comentário de Drummond em um artigo publicado no **Jornal do Brasil**, intitulado **O coração, o defunto & o sol** com data de 11 de janeiro de 1968. Neste texto o poeta itabirano afirma que Pedro Nava é cruel consigo mesmo e com os outros, no caso, os amigos, ao desmistificar o momento fúnebre da morte. Aconselha que os mesmos não se utilizem de **inúteis disfarces**, que sintam o castigo da morte que é involuntária a todos e termina dizendo que este texto poético é uma dura meditação sobre o viver.

No ano seguinte publicou seu primeiro livro, **Território de Epidauro**.

Casou-se com Antonieta Penido em 28 de junho de 1943.

Aos 64 anos de idade, no dia 1 de fevereiro de 1968, deu início à redação de suas memórias, publicadas em 5 volumes - **Baú de ossos**⁵, (1972); **Balão cativo**,(1973); **Chão de ferro**,(1976) ; **Beira-mar**, (1978); **Galo-das-trevas** - As doze velas imperfeitas, (1981), e **O círio perfeito**, (1983).

No seguinte à publicação, **Baú de ossos**, recebeu o Prêmio Luísa Cláudio de Sousa, do *Pen Club* e o Prêmio Personalidade Global - setor literatura, da Rede Globo de Televisão e do jornal **O Globo**.

Em 1974 foi agraciado com o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte - APCA.

Em 1975, em crise, redigiu uma carta aberta e demitiu-se da Policlínica.

⁵ Segundo Eliane Vasconcellos e Matildes Demétrio dos Santos, "Os originais de Baús de ossos indicam que Nava começou a redigir em 1º de fevereiro de 1968 e terminou em 15 de outubro de 1970. A primeira edição saiu em 1972 pela Sabiá" (VASCONCELLOS, SANTOS, 2017, p.96).

Em 1983 foi empossado no cargo de Presidente em comissão do Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro.

1984: Morreu Pedro Nava,

Um amigo da vida inteira, e de uma vida já estirada em anos: como nos comportamos ao perdê-lo de maneira súbita e inesperada? Não há receita filosófica para a situação. Há o dado irrecusável e a obrigação de aceitá-lo, de conviver com ele e assimilá-lo. [...] Perdi Pedro Nava o companheiro de 1920 que continuou companheiro até 1984. Não há substituição possível. Nem superposição de imagens que compensem o perdido. O fato aconteceu. A relação completou-se (ANDRADE apud VASCONCELLOS, SANTOS, p. 223).

Pedro Nava foi dois, foi três, foi cinco: poeta, escritor, memorialista, artista plástico e médico. Um sujeito social e colecionador de si e de outrem, entendendo coleções, neste contexto, como resultado da ação de juntar, reunir e arquivar.

Nava, segundo José Almino de Alencar (apud CARDOSO; VASCOCELLOS, 2003), quando criança não permitiu que uma variada quantidade de documentos familiares maternos tivesse como destino o descarte. Agregou ao longo da vida um baú sem fundo de memórias, coisas ditas para a lembrança.

Este romance memorialístico naveano, segundo o que registrou Carlos Drummond de Andrade na apresentação da referida obra, “[...] surpreende, assusta, diverte, comove, embala, inebria, fascina o leitor, com suas memórias da infância, a que deu o título Baú de Ossos” (NAVA, 1973, p.7),

Enfim, é possível afirmar, a partir destas informações, que a construção do sujeito, por meio das coleções de si, longe de restringir e de circunscrever, é formidavelmente produtiva. Continuemos as memórias!

3 MEMÓRIAS DE UMA GERAÇÃO

O objetivo é compreender a memória como patrimônio da cultura, isto é, a compreensão das memórias na história da formação do homem, enquanto ser histórico, social e ao mesmo tempo, indivíduo particular.
José Carlos Costa.

Fazer parte de um outro período da história instiga por si só o indivíduo a uma reflexão das crenças e valores atuais, objetivando alocação adequada ao meio em que se está inserido.

Henri Bergson (1999) teve esse privilégio: assistiu ao fim do século XIX e acompanhou o alvorecer do século XX o que para muitos indivíduos é superficial, porém para homens da estirpe intelectual de Bergson, tal reflexão é intensa, filosófica e substancial.

A relação entre matéria e espírito sob o exemplo primordial da memória foi investigada em parte na obra **Baú de ossos** (1973) do escritor juizforano a fim de identificar a reconstrução de algumas concepções apresentadas por Henri Bergson (1999) para tal inferência. Com o propósito de ilustrar este encadeamento dialógico, tomou-se como exemplo, o relato de Pedro Nava que se apresenta em memórias por meio da seguinte exposição:

Eu sou um pobre homem do Caminho Novo das Minas, dos Matos, Gerais. Se não exatamente da picada de Garcia Rodrigues, ao mesmo da variante aberta pelo velho Halfeld e que, na sua travessia pelo arraial do Paraibuna, tomou o nome de Rua Principal e ficou sendo depois a Rua Direita da cidade de Juiz de Fora. Nasci nessa rua, no número 179, em frente à Mecânica, no sobrado onde reinava minha avó materna. E nas duas direções apontadas por essa que é hoje a Avenida Rio Branco hesitou a minha vida. A direção de Milheiros e Mariano Procópio. A da Rua Espírito Santo e do Alto dos Passos (NAVA, 1973, p.13).

Após a autoapresentação de Nava, interessa retomar Bergson cujo pensamento foi muito além de seu tempo, que deixou um legado conciso de visão filosófica da relação entre memória, corpo e espírito para a posteridade. Suas assertivas comprovam isso:

Este livro afirma a realidade do espírito, a realidade da matéria, e procura determinar a relação entre eles sobre um exemplo preciso, o da memória. Portanto é claramente dualista. Mas, por outro lado, considera o corpo e o espírito de tal maneira que espera atenuar muito, quando não suprimir, as dificuldades teóricas que o dualismo sempre provocou e que fazem que, sugerido pela consciência imediata, adotado pelo senso comum, ele seja pouco estimado pelos filósofos (BERGSON, 1999, p.1).

Uma primeira leitura e análise destes conceitos, sobre a relação de memória, matéria e espírito, podem parecer, em primeiro momento, concepções enevoadas. Após um criterioso exame e imbuídos do propósito de afastar todas as crenças e todos os valores pré-estabelecidos que pudessem toldar uma melhor compreensão do ponto

de vista bergosiano, constatou-se que os pensamentos de Bergson, foram água límpida ofertada da fonte deste estudioso. Foi possível bebê-la e absorver essa relação próspera entre matéria, memória e espírito,

[...] a lembrança - conforme procuraremos mostrar na presente obra - representa precisamente o ponto de interseção entre o espírito e a matéria. Mas pouco importa a razão: ninguém contestará, creio eu, que no conjunto de fatos capazes de lançar alguma luz sobre a relação psicofisiológica, os que concernem à memória seja no estado normal, seja no estado patológico, ocupam um lugar privilegiado (BERGSON,1999, p.5).

No estudo de Bergson (1999), a reflexão sobre a matéria é o ponto de partida, mas, na busca de superar o dualismo, define a matéria como um conjunto de imagens, uma existência situada a meio do caminho entre a coisa e a representação, ou seja, já de início reconhece uma força do espírito sobre a percepção e a relação do homem com a realidade.

Para Bergson matéria, memória e espírito são intrinsecamente interligados e necessitam de reflexão apurada para se realizar a distinção haja vista, que acontecimentos exteriores e interiores mobilizam a interface desta tríade para compor e marcar o lugar ocupado no universo. É fato que para a maioria das pessoas realizar a distinção de cada elemento torna-se tarefa nebulosa como se constata em:

No fundo, é por não haver distinguido aqui o elemento motor da memória que ora se desconheceu, ora se exagerou o que há de automático na evocação das lembranças. Em nossa opinião, um apelo é lançado à nossa atividade no momento preciso em que nossa percepção é decomposta automaticamente em movimentos de imitação: um esboço então nos é fornecido, do qual recriamos o detalhe e a cor projetando nele lembranças mais ou menos longínquas. Mas não é assim que se costuma ver as coisas. Ora confere-se ao espírito uma autonomia absoluta; atribui-se-lhe o poder de operar sobre os objetos presentes ou ausentes a seu bel-prazer; e deste modo não se compreendem mais os distúrbios profundos da atenção e da memória capazes de acompanhar a menor perturbação do equilíbrio sensorio-motor. Ora se fazem dos processos imaginativos, ao contrário, efeitos mecânicos da percepção presente; pretende-se que, por um progresso necessário e uniforme, o objeto faça surgir sensações, e as sensações idéias que se prendem a elas: então, como não há razão para que o fenômeno, inicialmente mecânico, mude de natureza no caminho, chega-se à hipótese de um cérebro onde poderiam se depositar, adormecer e despertar estados intelectuais. Num caso como no outro, se desconhece a função verdadeira do corpo, e, como não se viu em que a intervenção de um mecanismo é necessária, não se sabe mais, depois que se recorreu a ele, onde é preciso detê-lo (BERGSON,1999, p. 122).

Henri Bergson (1999) apresenta, portanto, um conceito arrojado e contemporâneo para explicar o entendimento do processo de elaboração e fixação da

memória que dialoga especialmente com os recursos que Pedro Nava utilizou em **Báu de Ossos**. Conforme Bergson:

Ora, o passado imediato enquanto percebido, é como, veremos, sensação, já que toda sensação traduz uma sucessão muito longa de estímulos elementares; e o futuro imediato, enquanto determinando-se, é ação ou movimento. Meu presente, portanto é sensação e movimento ao mesmo tempo e, já que meu presente forma um todo indiviso, esse movimento deve estar ligado a essa sensação, deve prolongá-la em ação (BERGSON, 1999, p.161).

Em Nava,

A memória dos que envelhecem (e que transmite aos filhos, aos sobrinhos, aos netos, a lembrança dos pequenos fatos que tecem a vida de cada indivíduo e do grupo com que ele estabelece contatos, correlações, aproximações, antagonismos, afeições, repulsas e ódios) é o elemento básico na construção da tradição familiar. Esse folclore jorra e vai vivendo do contato do moço com o velho – porque só este sabe que existiu em determinada ocasião o indivíduo cujo conhecimento pessoal não valia nada, mas cuja evocação é uma esmagadora oportunidade poética (NAVA, 1973, p.17).

Desenvolvendo as engrenagens mnemônicas do indivíduo sob a perspectiva bergosiana é viável a absorção dos pensamentos deste escritor ao afirmar que: “Em outras palavras, é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida” (BERGSON, p. 179). Esta reflexão pode ser validada nas palavras de Pedro Nava,

[...] e ficava mesmo pasmo de sentir que ao meu clamor, minha tia parava o piano na saleta, meu Pai virava na cadeira onde estudava e minha Mãe saía de sua cama, vinha até a minha, para ver o que havia. Encostava o rosto – a sentir se eu tinha febre, aconchegava as cobertas. Dorme, meu filho. Eu fechava os olhos e, dentro do silêncio, refeito, rompiam as notas vitoriosas do teclado. A casa, de repente sem lastro, sem âncoras, desprendia-se na correnteza do rio Comprido – navegando dentro de luas fantásticos, ao encontro da manhã “ (NAVA, p. 371).

Bergson (1999) chama de matéria o conjunto de imagens, e de percepção da matéria essas mesmas imagens relacionadas à ação possível de uma certa imagem determinada. Desse modo, a representação da imagem é delineada, a partir do corpo como centro que medeia a relação do homem com a realidade. Nava dialoga com esta acepção ao narrar que,

Na linha varonil da minha família paterna essa guarda de tradições foi suspensa devido à sucessão de três gerações de morredores! A de meu pai,

que desapareceu aos 35 anos. A do seu pai, falecido aos 37. Meu bisavô, não sei com que idade morreu. Cedo, decerto, pois meu avô foi criado de menino por uma de suas avós ou tias-avós. É assim que cada uma dessas gerações ficou sabendo pouco das anteriores e não teve tempo de transmitir este pouco às sucedentes (NAVA, 1973, p. 17).

Este estudo da memória se ateve ao indivíduo, Nava, e como este indivíduo se relacionou com o seu passado a partir do reconhecimento das suas relações com o meio em que viveu.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.

Walter Benjamim

A relação dialógica entre as concepções de Henri Bergson, Maurice Halbwachs, Eclea Bosi, Eliane Vasconcellos, Matildes Demétrio dos Santos, Michel Pollak e Pedro Nava sobre a elaboração, impregnação e propagação da memória colocada em reflexão nesta pesquisa, permitiu que se atasse o ponto de ligação entre estudiosos abordando um mesmo tema – a memória - independente de sua determinação no tempo e no espaço.

Após esta breve reflexão, a partir da obra **Baú de ossos**, tornou-se inegável ressaltar a importância da trajetória literária de Pedro Nava no cenário cultural brasileiro, seja como poeta, seja como prosador, artista plástico ou médico, ressaltando a identificação da técnica de escrita narrativa-memorialista.

Quanto aos elementos consecutivos da memória foram identificados na obra em questão acontecimentos vividos por Nava, acontecimentos vividos por um grupo, fosse ele familiar ou não ao qual o narrador-memorialista sentiu pertencer. Algumas lembranças foram resgatadas, por meio de acontecimentos dos quais nem sempre o protagonista participou, mas que em seu imaginário alcançou tamanha relevância que se tornou impossível inferir se o mesmo participara ou não do ocorrido.

Pedro Nava doou ao Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa seu arquivo particular para o qual reuniu todo o material colecionado

na juventude. Só doa um arquivo quem supõe que seus documentos irão configurar para a história o que o titular, enquanto ator, foi para sua época.

Dessas práticas de arquivamento destaca-se o que poderia ser denominado de intenção autobiográfica, que não é uma prática neutra. É muitas vezes a única ocasião de um indivíduo, de forma parcial, se fazer ver tal como se vê e tal como desejaria ser visto. Para isso reúne as peças necessárias e as organiza para refutar a representação que os outros têm do protagonista autobiografado.

Pedro Nava arquivou a sua vida em função de um leitor autorizado, recuperando a verdade do passado como autobiógrafo, romancista e escritor.

O fato é que Juiz de Fora, cidade do interior, ofereceu, ao país e ao exterior, figuras literárias de grande expressão, como Pedro Nava amante e enaltecido da cidade e também de Belo Horizonte onde viveu e ampliou sua mineiridade.

Em **Baú de ossos**, Nava deu audiência às lembranças trazendo à (re)lembração grandes atores que construíram a cidade de Juiz de Fora, destacando a ação educacional dos tradicionais estabelecimentos de ensino da referida cidade e ressaltou a atuação de estrangeiros como os Halfeld's.

Este resgate dialogou teoricamente com as principais concepções da memória e suas manifestações na literatura e na cultura, entendendo a memória como um registro vivido, preservado e resgatado e o mais importante: a memória como a reconstrução do entendimento da vida a partir da experiência humana.

Por meio dos registros de **Baú de ossos** foi possível inferir que o escritor mineiro registrou as memórias de uma geração: a sua!

MEMORIES WAREHOUSE: BAÚ DE OSSOS, BY PEDRO NAVA

ABSTRACT

This reflection considered as a theoretical axis the conceptions defended by Henri Bergson from the "elucubrações" recorded in the work, **Matter and memory**: essay on the relation of the body with the spirit (1999), and in the memorialist novel, *Baú de ossos*, Pedro Nava (1973). It should be noted, however, that other concepts were used that were necessary for the argumentative support of the proposal that was to identify, in the bones of the chest, the extent to which the distinction or relational approximation between memory, body and spirit could be verified. The lyrical memory of Pedro Nava recorded the matter that built the memory. This construction generated a singular impression, since matter produces the memory that is stored by the brain that in turn, incites to produce a sensation to the spirit coming from these sequential actions. In this correspondence, we observed the dialogue between what was lived and the

elaboration of memory in the construction of memory, assuming that the narrator was constituted by conscious and rememberable experiences of the past. Memory, therefore, seems to be an individual phenomenon, nevertheless, in this consideration, it must be understood as a collective and social phenomenon, subject to constant changes.

Keywords: Matter and Memory. Henri Bergson. Pedro Nava. Bone chest.

REFERÊNCIAS

247

BERGSON, Henri. *Matéria e espírito*. In: **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.291.

BOSI, Ecléa, **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CARDOSO, Marília Rothier; VASCONCELLOS, Eliane. (Org.). **Pedro Nava o alquimista da memória**. Rio de Janeiro:Fundação Casa de Rui Barbosa, 2003.

HALBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. In: **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

NAVA, Pedro. **Baú de ossos**: memórias. Rio de Janeiro:Sabiá,1973.

PEDRO NAVA. BIOGRAFIA. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa4595/pedro-nava> > 22 abr. 2018.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

Disponível em:

<http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capra>

ro/memoria_e_identidade_social.pdf Acesso em 2o mar. 2018.

PROUST, Marcel, **Em busca do tempo recuperado**. Tradução Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro,1995.

VASCONCELLOS, Eliane; SANTOS, Matildes Demétrio dos . **Descendo a rua da Bahia a** correspondência entre Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Bazar Bom tempo, 2017.